

# O uso das *voces magicæ* nos *Papiros Mágicos Gregos*

*The usage of voces magicæ in the Greek Magical Papyri*

Patrícia Schlithler da Fonseca Cardoso\*\*

**Resumo:** O presente artigo busca analisar o uso das *voces magicæ* (VM) nos *Papiros Gregos Mágicos* (PGM). As VM são palavras sem sentido lexical aparente, semelhantes à *abracadabra*, bastante comuns em textos mágicos. Os PGM são uma coletânea de textos mágicos do Egito greco-romano, composta por diversos manuais de magia e outros textos. A análise das VM se baseia em critérios sintáticos e contextuais, focando em seu uso e funções, em oposição a uma postura mais tradicional etimológica.

**Abstract:** The present article aims at analyzing the usage of *voces magicæ* (VM) in the *Greek Magical Papyri*. VM are words with no evident lexical meaning, similar to *abracadabra*, and are very common in magical texts. The PGM are a collection of magical texts from Greco-Roman Egypt, and it features many magical handbooks manuals and other types of text. The analysis is based on syntactical and contextual criteria and it focuses on how the VM are used and their functions, in opposition to a more traditional etymological posture.

**Palavras-chave:**

Papiros mágicos;  
Magia grega;  
Magia egípcia;  
*Voces magicæ*;  
Egito greco-romano.

**Keywords:**

Magical papyri;  
Greek magic;  
Egyptian magic;  
*Voces magicæ*;  
Greco-Roman Egypt.

---

Recebido em: 10/03/2017  
Aprovado em: 30/04/2017

---

\* O presente artigo é baseado na dissertação de mestrado da autora intitulada *Voces magicæ: o poder das palavras nos Papiros Gregos Mágicos*. Para maiores detalhes sobre a metodologia utilizada, análise e *corpus* selecionado dentro dos papiros, ver: Cardoso (2016).

\*\* Mestre em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo com estágio na Universidade de Oxford (2016) e graduação em Letras pela Universidade de São Paulo (2012) com habilitação em Português e Grego.

## Introdução

Os *Papiros Gregos Mágicos* são uma coletânea de textos encontrados no Egito sobre magia. Neles, encontramos manuais de magia com receitas para várias finalidades: como obter sucesso nos negócios, como se tornar invisível, como invocar um deus para obter profecias, encantamentos para atrair a pessoa amada e até para obter um *daimon* assistente capaz de carregar o praticante pelos ares em suas costas. Encontramos também registros de feitiços realizados (magia aplicada), como papiros com encantamentos escritos com o praticante e a vítima identificados. Além disso, encontramos ainda alguns textos sobre astrologia e oráculos.<sup>1</sup>

O papiro mais antigo da coletânea data do século IV a.C. e o mais recente, do século VII d.C. No entanto, a maior parte dos textos foi produzida entre II e V. Os papiros foram encontrados no Egito, especialmente nas cidades de Tebas e Oxirrinco, mas também nas regiões do Fayum, Memphis e Antinoe.<sup>2</sup> Portanto, os papiros se inserem no contexto do Reino Ptolomaico e do Egito como província romana. Os *Papiros "Gregos" Mágicos* são assim chamados por conta da língua em que foram escritos: grego.<sup>3</sup> No entanto, esse nome não representa exatamente a origem do conteúdo desses textos. Os feitiços apresentam influências de várias outras culturas, especialmente da egípcia. Eles são exemplos da magia greco-egípcia, característica do período e da área em questão.<sup>4</sup> O sincretismo religioso é notável nesse *corpus*, e encontramos textos direcionados a Hermes-Tot, Tifão-Set e Zeus-Hélios-Sarapis, por exemplo. Isso acontece como decorrência de diversas tradições vivendo juntas no Egito ao longo dos séculos. De fato, o deus invocado mais vezes no *corpus* é Iao, o deus hebraico, o que mostra uma considerável influência judaica nos textos (SMITH, 1979, p. 132). Além da coexistência de diferentes povos, o sincretismo nos textos mágicos pode ser também justificado pela tendência de amalgamar diferentes tradições como meio de aumentar a eficácia dos feitiços, atribuindo-lhes um caráter estrangeiro misterioso e, portanto, mais poderoso.

---

<sup>1</sup> Um oráculo digno de nota é *PGM*, VII, 1-148, que consiste em versos homéricos junto a três números de 1 a 6 (111 a 666). O praticante deve jogar um dado três vezes e assim obterá um verso homérico como resposta às suas perguntas. Dentre os textos astrológicos, podemos citar *PGM*, IV, 835-849 e *PGM*, CX.

<sup>2</sup> Para maiores detalhes sobre a origem e as datações dos papiros, ver: Brashear (1995). Para um bom resumo de como se deu a compilação dos papiros, ver Diblasi Neto (2015). As principais edições dos papiros que temos são as de Preisendanz (2001) e Betz (1992); o texto grego também está disponível no TLG. A edição de Preisendanz também inclui cinco *ostraka* com feitiços. Dessas, apenas duas delas não são egípcias (4 e 5, de Megara e Olbia, respectivamente); todo o resto do material incluso no *corpus* dos *Papiros Gregos Mágicos* é de origem egípcia.

<sup>3</sup> Porém, encontramos também alguns textos em copta e demótico. Os textos demóticos foram inicialmente excluídos da coletânea na primeira edição organizada majoritariamente por Preisendanz (2001), mas foram incluídos novamente na edição de Betz (1992).

<sup>4</sup> Sobre a relação dos *Papiros Gregos Mágicos* com outros *corpora* de magia egípcia, ver: Ritner (1995, p. 3358-3371).

## ***Voces magicae***

Um elemento bastante peculiar dos feitiços dos *Papiros Gregos Mágicos* são as chamadas *voces magicae* (palavras mágicas). Também conhecidas como *onomata barbara*, *voces mysticae* ou *nomina magica*, as *voces magicae* são palavras aparentemente sem sentido lexical utilizadas em feitiços, semelhantes ao “abracadabra” pronunciado pelos ilusionistas quando tiram o coelho da cartola. Elas se tornam produtivas nos *Papiros Gregos Mágicos* a partir do século III, porém encontramos alguns exemplos no século I e palavras misteriosas já eram utilizadas na magia assíria e egípcia desde o segundo milênio a.C. (BRASHEAR, 1995, p. 3429-3430). Gager (1992, p. 7) as encaixa numa classificação de “uso não-padrão da linguagem”, juntamente com palíndromos, séries de vogais e formas geométricas construídas com palavras. Tal uso de linguagem “fora dos padrões” é muito característico dos papiros mágicos. Porém, definir o que realmente está fora dos padrões ou o que não possui sentido pode se tornar uma tarefa bastante complexa.

Brashear (1995, p. 3434) se refere às *voces magicae* que realmente não possuem sentido como “*voces magicae bona fide*”. Nesse caso, não conseguiríamos extrair nenhum tipo de significado delas; não há nenhuma origem etimológica clara, ou significado lexical reconhecível. Observemos o exemplo abaixo, retirado de um feitiço direcionado a Apolo para obter revelações:

δεῦρ' ἄγε, θεσπίζων, μαντεύεο | νυκτὸς ἐν ὥρῃ. ἀλλαλαλα· ἀλλαλαλα· σανταλαλα·  
ταλαλα. ἄ λέγε τοῦτο τὸ ὄνομα καὶ || αὐτὸ ἐν ὑφαιρῶν πτερυγοειδῶς.

Vamos, profetize, vaticine durante a noite, na hora. *VM* diga esse nome e dele subtraia um em forma de asa (*Papyri Graecae Magicae* II, 1-64, II, 4-5).

A princípio, não podemos extrair nenhum significado das palavras em itálico. Elas figuram logo após o pedido direcionado a Apolo e encerram o *logos* do feitiço. Elas são, no entanto, bastante sonoras e parecem ser uma linguagem especial, diferente do resto do encantamento.

Seria possível imaginar que sequências de vogais se encaixariam nessa categoria. Encontramos diversas sequências de vogais nos feitiços, seja em ordem alfabética, ou com uma repetição numérica específica, ou mesmo em disposições visuais formando desenhos.<sup>5</sup> No entanto, sustentar a hipótese da ausência de significado se torna difícil

<sup>5</sup> Para alguns exemplos dessas formações, veja: *PGM*, VII, 652-660; *PGM*, I, 1-42; *PGM*, II, 1 -64; *PGM*, II, 64-184; *PGM*, III, 1-164; *PGM*, IV, 296-466; *PGM*, V, 70 -95; *PGM*, VII, 215-18 e também a seção “Independente” na análise a seguir.

ao considerarmos que as sete vogais gregas (α, ε, η, ι, ο, υ, ω) possuíam significado simbólico, podendo se remeter a planetas ou anjos (VERSNEL, 2012, p. 115). Portanto, apesar de não possuírem significado lexical, não é possível afirmar que tais sequências são completamente esvaídas se sentido.

Encontramos também vários nomes reconhecíveis junto às *voces magicæ*. Esses nomes podem ser tanto gregos quanto não-gregos; além do já citado Iao, encontramos também Hermes, Hélios, Harpócrates, Tifão, Sabaoth, Adonai, Abraxas, Isis, Osíris, Rá, entre outros. Os nomes divinos não aparecem somente como invocações “normais”, mas sim misturados às palavras consideradas sem sentido. Além disso, encontramos palavras com sentido lexical misturadas às *voces magicæ*; ἄναξ, καί e artigos são exemplos bastante comuns. Tal mistura não parecia ser problemática para os autores dos feitiços; de fato, provavelmente era vista como uma qualidade.

Por fim, encontramos também palavras com sentido lexical em outras línguas senão o grego, especialmente em copta. Novamente a mistura de palavras com e sem sentido lexical, ainda mais em línguas diferentes, parece contribuir para o efeito das *voces magicæ*.<sup>6</sup>

Uma possível explicação para a existência das *voces magicæ* é a de que essas palavras seriam uma linguagem especial compreendida pelos deuses. Graf (1997, p. 219-220), fazendo referência a Jâmblico, argumenta que os deuses teriam uma linguagem própria, diferente de qualquer linguagem humana. Tal linguagem estaria além do entendimento dos praticantes, sendo direcionada apenas aos deuses. Outra explicação relacionada é que as palavras mágicas seriam nomes secretos dos deuses. A expressão ὄνομα comumente acompanha sequências de palavras mágicas e, em alguns casos, também encontramos “nomes secretos” ou “nomes sagrados”. A palavra ὄνομα é ambígua e pode ser traduzida tanto como “nome” ou como “palavra”, mas seu uso recorrente com pronomes de segunda pessoa (σὸν ὄνομα, ὄνομά σοι) nos leva a considerar tais palavras como nomes dos deuses em questão.<sup>7</sup> O conhecimento dos nomes secretos dos deuses poderia angariar credibilidade ao praticante, que dessa forma estabelecia uma relação de proximidade com o deus (GRAF, 1991, p. 192).

---

<sup>6</sup> O uso da língua copta é bastante notável especialmente nas construções de identificação divina, que serão discutidas mais à frente. Porém, podemos enumerar alguns feitiços que possuem copta em seus *logoi*: PGM, I, 247-262, PGM, III, 1-164, PGM, III, 282-409, PGM, III, 410-423, PGM, III, 633-731, PGM, IV, 1-25, PGM, IV, 52-85, PGM, IV, 86-87, PGM, IV, 88-93 e PGM, VII, 311-16.

<sup>7</sup> Dentro do *corpus* estudado na dissertação de mestrado, na qual esse artigo se baseia, foram encontradas 37 ocorrências de ὄνομα ligados a um pronome de segunda pessoa. O total de ocorrências analisadas foi 690, representando um total de 5,36% das ocorrências de palavras mágicas estudadas.

Outra explicação para algumas dessas palavras é que elas seriam o resultado da tentativa de transcrever encantamentos falados, especialmente da língua egípcia. Durante os últimos séculos do primeiro milênio a.C., a língua egípcia era escrita num alfabeto próprio, uma versão cursiva dos hieróglifos chamada de demótico. A partir do século I e II, começam a ser feitas tentativas de escrever a língua egípcia utilizando o alfabeto grego (juntamente com alguns sinais demóticos suplementares). Tal esforço caracteriza o que chamamos de copta antigo e, na verdade, alguns dos exemplos mais antigos são encontrados em textos mágicos (SATZINGER, 1991). O alfabeto grego era utilizado em glosas ao lado de nomes divinos, a fim de explicitar sua pronúncia.<sup>8</sup> É evidente que a pronúncia correta dos nomes e palavras era importante para que o encantamento fosse bem-sucedido. De fato, várias palavras que no passado foram consideradas sem sentido lexical, hoje já foram identificadas como egípcias.<sup>9</sup> Versnel (2002, p. 107-108) afirma que há três explicações tradicionais para as *voces magicæ*. Elas poderiam originalmente ter significado lexical, mas em línguas que hoje não temos mais acesso ou que se perderam; elas possuem de fato significado lexical em línguas conhecidas, porém nós ainda não o deciframos; e, por fim, a hipótese de que as palavras são propositalmente sem sentido. Essas explicações possuem uma atitude etimológica, que tenta buscar a origem dessas palavras.

Apesar da postura etimológica resumida por Versnel (2002) ser extremamente interessante e, em alguns casos, bastante frutífera, até hoje não encontramos explicações para várias palavras mágicas (ou mesmo encontramos soluções contraditórias).<sup>10</sup> Dessa forma, optamos por analisar de que maneira as *voces magicæ* são de fato utilizadas nos textos, focando mais em suas funções do que em seu significado. Para isso, adotamos uma postura sintática e contextual. Como já foi argumentado, é comum encontrarmos palavras lexicais e nomes reconhecíveis entre as *voces magicæ bona fide*. Por essa razão, não excluimos da análise as ocorrências que apresentavam palavras reconhecíveis, considerando como *voces magicæ* os diversos tipos de uso de linguagem fora do padrão sem um significado lexical imediato, mesmo quando acompanhado de itens lexicais ou nomes reconhecíveis.

<sup>8</sup> Para uma análise detalhada do uso de grego e copta em papiros mágicos bilíngues, ver Dielemann (2005, p. 47-144).

<sup>9</sup> Brashear (1995), em seu catálogo de *voces magicæ*, indica várias palavras com origem egípcia. Alguns exemplos: καρφιουθ, "pai primeiro"; κεφ, "macaco"; Βαινωωωωχ, "espírito da escuridão"; αρτεν, "criatura elevada"; αχεβυκρωμ, "o que carrega o brilho do sol e o fogo", equivalente ao grego πυρφορός, entre outras.

<sup>10</sup> Brashear (1995, p. 3436-3437) cita alguns exemplos de *voces magicæ* com etimologias diversas. *Semesilam*, por exemplo, inicialmente era explicada como "sol eterno" em hebraico; porém, foi depois associada com o aramaico *shemi shelam*, "meu nome é paz".

## Usos das *voces magicæ*

### Invocações

A primeira situação na qual costumamos encontrar *voces magicæ* é a invocação. Nesse caso, as palavras aparecem junto a nomes divinos, quase funcionando como epítetos. As palavras mágicas podem aparecer junto a vocativos, objetos de um verbo de invocação ou mesmo acompanhando nominativos que são comumente utilizados como vocativos na linguagem dos papiros mágicos (BARBER, 1954, p. 150-151). A mistura de casos em invocações é bastante comum no *corpus*; é possível encontrar termos vocativos, nominativos e acusativos numa mesma sequência, todos cumprindo a função de uma expressão vocativa (BARBER, 1954, p. 151-153). O exemplo a seguir apresenta um verbo de invocação (ἐπικαλοῦμαι), seguido de acusativos, *voces magicæ* e vocativos:

σὲ ἐπικα|λοῦμαι, [προπ]άτωρ, καὶ δέομαί σου, αἰωναίε, αἰωνακ<τ>ινοκρά|τωρ, αἰωνοπολοκράτωρ, ἐπὶ τοῦ ἑπταμερ[ί]ου σταθεῖς χᾶω| χᾶω·χᾶ·ουφ· χθεθωνίμεεθηχρινί[α.] μερουμί| Ἄλδα ζᾶω βλαθαμμ.α.χᾶθ φριξᾶ ηκ.ε.[..] φρηιδρυ|μηω φερφ.ριθω ἰαχθᾶ ψυχεω φριθμεω [ρ]ωσερωθ | θαμαστρα φατιρι ταωχ ἰαλθεμεαχε· ὁ τὸ ρίζωμα δια| κατέχω[ν, ὁ] τὸ ἰσχυρὸν ὄνομα ἔχων τὸ καθηγιασμένον | [ὕ]πὸ πάντων ἀγγέλων.

Eu te invoco, ancestral, e te imploro, eterno, eterno dominador dos raios solares, eterno dominador dos círculos celestes, que está de pé sobre o heptamerião (VM) o que segura a raiz, possuidor do nome forte consagrado por todos os anjos (PGM, I, 195-222, ll. 199-207).

Esse exemplo, retirado de um feitiço que pede proteção a Hélios, ainda menciona o “nome forte” do deus, que pode ser uma referência às *voces magicæ* pronunciadas. Como já foi dito, a palavra ὄνομα era comumente utilizada para se referir a palavras mágicas. É muito difícil afirmar com absoluta certeza que as *voces magicæ* têm como referente o deus Hermes, ou que ὄνομα esteja de fato se referindo a elas. Porém, o contexto nos induz a essa interpretação, assim como encontramos outros encantamentos com palavras mágicas em situações semelhantes:

ἀλλὰ σύ, ὦ Ἐκάτη, πολυώνυμε, παρθέ|νε, Κούρα, <έ>λθέ, θεά, <κ>έλομαι, ἄλως φυ|λακὰ καὶ ἰωγή, Περσεφόνα, τρικά|ρανε, πυρίφοιτε, βοῶπι, βοουρφορβη, | πανφόρβα, φορβαρα· Ἄκτιωφι, Ἐρεσχι|γγάλ Νεβουτοσοουαληθ· παρὰ θυραῖς πυ|πυληδεδεζω ῥηξιπύλη τε. δεῦρ' Ἐκάτη,

Mas tu, ó Hécate, de muitos nomes, donzela, Kore, vai, deusa, eu comando, vigia e abrigo do chão de cereais, Perséfone, de três faces, a que anda no fogo, a de olhos de boi, VM; junto às portas VM e rompedora de portas. Aqui, Hécate (PGM, IV, 2708-84; II, 2745-52).

O exemplo acima, retirado de um feitiço erótico direcionado a Hécate, apresenta *voces magicæ* numa sequência de epítetos da deusa. Podemos identificar o nome da deusa suméria Ereshkigal, aqui associada a Hécate, e também algumas palavras lexicais (“παρὰ θυραῖς”, “junto às portas”). Como as *voces magicæ* aparecem entre várias referências à deusa (inclusive sendo associada a outras divindades, tal como Perséfone), o contexto nos leva a crer que essas palavras podem ser consideradas epítetos ou outros nomes divinos.

### *Fórmula de exorcismo*

As *voces magicæ* são comumente utilizadas em outro contexto próximo da invocação, porém com uma estrutura própria. Faraone (2012) identifica esse contexto como “fórmula de exorcismo.”<sup>11</sup> Trata-se de um verbo de invocação (em geral ὀρκίζω ou ἐξορκίζω, porém outros também são utilizados) direcionado à entidade que será exorcizada e uma segunda invocação, geralmente iniciada pela preposição κατά seguida de genitivo, direcionada a uma ou mais divindades que realizarão o exorcismo, ou seja, que forçarão o *daimon* a sair do corpo da vítima. Porém, essa construção não é utilizada apenas nos contextos de exorcismo, onde se procura curar a vítima de uma possessão. Ela também é utilizada para persuadir divindades a realizar os desejos do praticante, que não necessariamente estão ligados a um ritual de exorcismo. O exemplo abaixo, por exemplo, foi retirado de um feitiço erótico:

ἔκσταξον αὐτῆς τὸ αἷμα, | ἕως ἔλθῃ πρὸς ἐμέ, τὸν δεῖνα τῆς δεῖνα. | ὀρκίζω σε  
κατὰ τοῦ || μαρπαρκουριθ· νασσα|ρι· ναιεμαρε παιπιαρι || νεκουρι. βάλλω σε  
εἰς | τὸ πῦρ.

Sugue o sangue dela, até que ela venha a mim, NN filho de NN. Eu te conjuro pelo VM. Eu te joga no fogo (PGM, IV, 1496-1595; II, 1546-1552).

Podemos identificar o verbo ὀρκίζω, a preposição κατά e uma sequência de *voces magicæ* iniciadas por um artigo genitivo. A divindade aqui invocada é uma versão personificada da mirra, que será jogada no fogo durante o ritual do feitiço, e as palavras mágicas parecem fazer referência a outras divindades. Porém, esse não é sempre o caso. Encontramos a mesma construção em contextos em que o que está sendo invocado na segunda parte da fórmula (κατά seguido de genitivo) não é outro *daimon* ou entidade, mas sim nomes especiais do deus invocado em primeiro lugar. Vejamos o exemplo a seguir:

<sup>11</sup> *Vanishing acts*.

ὄρκιζω σέ, δέσποτα Ὅσιρι, κατὰ τῶν σῶν | ἀγίων ὀνομάτων· ουχιωχ·  
 ουσεναραναθ· Οὔσιρει· Οὔσερ||ραανν'ουφθι· Ὅσορνουφη· Οὔσερ/ Μνευεΐ  
 Οὔσερσετεμενθ· | Ἄμαρα μαχι· χωμασω εμ μαΐ· σερβωνι εμερ Ἴσι· | αρατωφι·  
 εραχαξ· εσειωθ· αρβιωθι· αμενχουμ· | μονμοντ ουζαθι· πηρ Οὔννεφερ εν ωωω,  
 παραδίδωμί σοι, | δέσποτα Ὅσιρι.

Eu te conjuro, senhor Osíris, pelos seus nomes sagrados *VM*, eu te ofereço, senhor Osíris (*PGM*, VI, 429-58; II, 443-448).

O encantamento invoca Osíris e usa seus nomes sagrados como elemento persuasivo. Dentre esses nomes, podemos identificar o nome da deusa Ísis, uma breve sequência de vogais e diversos compostos utilizando o nome Osíris. A formação de palavras mágicas através de compostos é bastante comum, e figuras retóricas como paronomásia e assonância também são amplamente utilizadas nas *voces magicae* (VERSNEL, 2012). Esse trecho foi retirado de um feitiço com várias finalidades consideradas maliciosas: prejudicar bigas em corridas, causar separação, doenças, destruição e, além disso, pode ser utilizado também para exorcizar *daimones* e inseri-los em outros objetos ou pessoas. Portanto, pode ser considerado um feitiço de exorcismo propriamente dito, porém com finalidades extras diferentes das esperadas.

A fórmula de exorcismo, portanto, é utilizada como mais um tipo de invocação e ferramenta de persuasão do mago. As *voces magicae* nessas construções novamente se aproximam de nomes ou epítetos divinos, muitas vezes identificados com o próprio deus que está sendo conjurado em primeiro lugar.

### *Identificação divina*

Há um contexto no qual as *voces magicae* aparecem nos *Papiros Gregos Mágicos* que possui forte influência egípcia: a chamada "identificação divina".<sup>12</sup> O praticante se identifica com uma ou mais divindades a fim de persuadir um deus a obedecê-lo. Nesse caso, as *voces magicae* são utilizadas como nomes de *daimones* ou entidades com as quais o praticante está se identificando. Essa é uma construção produtiva na tradição egípcia e, inclusive, encontramos muitas ocorrências em língua copta. O encantamento proclamado pelo praticante costuma ser algo como "eu sou [...], eu sou [...]". Em grego, essa construção costuma ser composta pelo verbo εἶμι seguido de *voces magicae*. Porém, encontramos algumas ocorrências de variação dessa fórmula: "meu nome é [...]", ὄνομα μοι [...] seguido de *voces magicae* ou nomes de divindades. O exemplo a seguir é um

<sup>12</sup> Ritner (1995) denomina essa construção como *divine identification*. Esse processo também é referenciado por Pinch (1994, p. 163), ao falar sobre os *PGM*. Cardoso (2016) se refere a essa construção como "fórmula 'eu sou'" na discussão sobre os contextos nos quais as *voces magicae* são utilizadas.



feitiço de amor bastante simples. Consiste em dizer algumas palavras especiais entre beijos com a pessoa desejada: ἐπὶ λαλήματος καταφυλῶν λέγε· ἄνοκ· | θαρνεπιβαθα· χεουχχα ανοα ανοκ χαριεμοχθ` | Λαῖλαμ. Durante conversa, beijando, diga: “eu sou VM eu sou VM” (PGM, VII, 661-63, II, 661-663).

Neste caso, há a identificação divina, porém não há mais nenhuma ordem ou invocação explícita a outras divindades. No exemplo a seguir, retirado de um feitiço para obter visões, encontramos um *logos* mais complexo:

ἄνοιγε τὸν [ναὸν ἅγιον, τὸν ἐπὶ γῆς ἰδρυμένον] κόσμον, καὶ δέξει τὸν Ὅσιριν, ὅτι ἐγὼ εἶμι | μανχωνβις χολχοβη μαλασητ' ιατ' θαννουιτα κερ|τωμενου πακερβαω κραμμασιρατ' μομομο | μελασουτ' πευ Φρη· ἄνοιξόν μου τὰ ὤτα.

Abra o templo sagrado, o cosmos sentado sobre a terra, e receba Osiris, porque eu sou VM. Abra minhas orelhas.  
(PGM, VII, 319-34, II, 326-329).

Inicialmente encontramos duas ordens, “abra o templo sagrado” e “receba Osiris”. A seguir, encontramos a fórmula da identificação divina (ἐγὼ εἶμι) precedida pela conjunção causal ὅτι. A identificação divina pode ser entendida como uma justificativa da ordem, ou seja, a entidade invocada deve obedecer ao praticante porque ele mesmo é uma divindade. Dentre as *voces magicæ*, podemos identificar *Phrē*, escrita alternativa do nome Ra, divindade egípcia solar.

A identificação com os nomes mágicos e divinos pode ser considerada como mais um artifício de persuasão da parte do praticante, que dá forças ao pedido realizado. Ela pode ser utilizada por si só, constituindo o encantamento completo, ou como parte de uma estrutura mais complexa de pedidos e invocações, justificando as requisições do mago.

### *Nomes em descrições*

Dentro do *corpus*, encontramos alguns feitiços que utilizam nomes de aspecto misterioso e sem significado lexical – *voces magicæ* – para designar divindades. Geralmente esses contextos são descrições ou narrativas, e as palavras mágicas são referidas como divindades “comuns”. Observemos o exemplo seguinte, retirado de um feitiço medicinal para a “ascensão do útero”:

ἔξορκίζω σε, μήτραν <κατὰ τοῦ> καταστα|θέντος ἐπὶ τῆς ἀβύσσου πρὶν γενέσθαι οὐρανὸν ἢ γῆν ἢ | θάλασσαν ἢ φῶς ἢ σκότος, τὸν κτίσαντα ἀγγέλους, ὦν | πρῶτος Ἀμιχαμχου καὶ χουχχαω χηρωει ουειαχω | οδου προσειογγης, καὶ ἐπὶ χερουβιν καθήμενον,

Eu te conjuro útero, pelo que está estabelecido diante do abismo antes de surgir o céu ou a terra ou o mar ou a luz ou a escuridão, o que criou os anjos, dos quais primeiro VM e VM, e sentando sobre o querubim (PGM, VII, 260-71, II, 260-264).

Aqui, as *voces magicae* são nomes dos anjos criados pelo útero. Enquanto a primeira delas é curta, apenas uma palavra, a segunda é uma sequência mais longa que realmente não se parece com linguagem comum. Devido ao contexto do *logos*, é difícil argumentar que essas palavras não estão sendo utilizadas como nomes. Mais uma vez, encontramos palavras mágicas sendo utilizadas como nomes divinos, inclusive em contextos que não são de invocações. O motivo para isso pode ser, novamente, um instrumento de persuasão do mago para atingir a divindade e injetar poder na operação mágica, demonstrando um conhecimento especial. Esse conhecimento poderia ser utilizado para também impressionar um cliente, que poderia pagar valores consideráveis para a realização do feitiço.

### *Independentes*

Até então, todas as *voces magicae* analisadas eram utilizadas como nomes – ou algo muito próximo disso. Porém, nem todas as ocorrências são tão claras assim. Dentro do *corpus*, há encantamentos compostos totalmente por *voces magicae*, sem nenhuma outra referência a deuses ou pedidos. Mais uma vez, é difícil excluir completamente a possibilidade que as palavras estejam de fato se referindo a deuses. No entanto, essas ocorrências parecem se tratar de, no mínimo, um uso distinto dos anteriores.

Chamamos esse uso de “independente”, pois as *voces magicae* não estão ligadas a nenhum outro elemento no *logos*. Em geral, compõem *logoi* completos, que podem ser tanto escritos quanto falados. Os *logoi* escritos, especialmente, podem apresentar padrões visuais, formando desenhos ou formas geométricas.

Ἰάω Σαβαώθ Ἄδωναι ἀκραμμαχαμμαρει (καθυφαιρῶν)  
 άω [Σαβαώθ Ἄδωναι ἀκραμμαχαμμαρει]  
 ω [Σαβαώθ Ἄδωναι ἀκραμμαχαμμαρει]  
 Ἄβρασάξ. | VM (subtraindo) (PGM, VII, 218-21, II, 220-221).

O encantamento acima é retirado de um amuleto para reduzir a febre. O praticante deve escrever a fórmula mágica e retirar sucessivamente uma letra de cada linha, formando um triângulo. Por fim, deve escrever o nome da divindade Abrasax (também conhecida como Abraxas). O ato de escrever retirando as letras é significativo e pode ser interpretado

como um ato simbólico de retirar a febre da vítima.<sup>13</sup> Na sequência de palavras mágicas, é possível reconhecer nomes de divindades: Iao, Sabaoth, Adonai e Abrasax. No entanto, o uso dos nomes é diferente dos vistos até então. Não se trata exatamente de uma invocação ou referência aos deuses, mas sim uma operação mágica por si só.

Encontramos outros exemplos de *voces magicæ* independentes, faladas e sem disposição visual. O encantamento a seguir faz parte de um rito para obter profecias através de um garoto ou adulto, que receberá o deus num transe. Após obter as informações desejadas, o seguinte *logos* deve ser pronunciado para dispensar a divindade:

ἀπόλυσις τοῦ κυριακοῦ· εἰς τὸ οὖς τοῦ δεῖνα· | ἄνανακ· ἀρβεουηρι· ἀεισιου·

Liberação do senhor: no ouvido de NN: "VM" (PGM, IV, 850-929, II, 917-918).

"NN" ou "δεῖνα" são formas comuns de se referir ao praticante ou à vítima nos formulários presentes no *corpus* dos papiros mágicos. Em geral, esses termos devem ser substituídos por nomes reais para identificar os participantes durante a realização do ritual. Aqui, o *logos* possui uma sequência de vogais e aliteração da vogal a; no entanto, não há nenhuma referência explícita a deuses ou nomes reconhecíveis. Portanto, podemos argumentar que as palavras mágicas já são poderosas por elas mesmas, engendrando a operação mágica apenas por serem pronunciadas.

### *Semi-formular*

No item anterior, vimos que existem encantamentos compostos apenas por palavras mágicas, sem necessariamente fazer referência a divindades. Porém, será que apenas *voces magicæ* nesse tipo de situação não são utilizadas como nomes? Ora, é possível encontrar ocorrências que não se encaixam perfeitamente na categoria de nomes divinos. Mais do que isso, encontramos várias ocorrências ambíguas, nas quais é difícil afirmar certamente se as palavras mágicas são nomes divinos num contexto maior ou se estão lá para pontuar ou fortalecer pedidos e invocações. Nem sempre é possível identificar através do contexto sintático e semântico o uso das *voces magicæ*. No caso em que as VM não parecem fazer referência a deuses, porém são utilizadas dentro do encantamento, nós as classificamos como "semi-formulares". Observemos o exemplo a seguir, retirado do PGM, IV, 475-829, conhecido como "Liturgia de Mitra":

<sup>13</sup> Para mais detalhes sobre esse tipo de construção e amuletos, ver Faraone (2012).

'[Γ]ένεσις πρώτη τῆς ἐμῆς γενέσεως· ἀειουω, | ἀρχὴ τῆς ἐμῆς ἀρχῆς <ς> πρώτη  
 πῖπῖ σῖσῖ φρ[-], | πνεῦμα πνεύματος, τοῦ ἐν ἐμοὶ πνεύματος || πρῶτον μῖμῖ, πῦρ,  
 τὸ εἰς ἐμὴν κρᾶσιν τῶν | ἐν ἐμοὶ κρᾶσεων θεοδώρητον, τοῦ ἐν ἐμοὶ πῦρὸς  
 πρῶτον ἦσ ἦσ εἦ, ὕδωρ ὕδατος, τοῦ ἐν | ἐμοὶ ὕδατος πρῶτον ωω αα εεε,  
 οὐσία | γεώδης τῆς ἐν ἐμοὶ οὐσίας γεώδους πρώτη || ἡ ἡ, σῶμα τέλειον ἐμοῦ

Origem primeira da minha origem; VM, início primeiro do meu início VM, sopro do sopro, do sopro em mim, primeiro VM, fogo o presente dos deuses à minha mistura das misturas em mim, do fogo em mim, primeiro VM água da água, da água em mim, primeira VM matéria terrestre da matéria terrestre em mim, primeira VM corpo completo meu (PGM, IV, 475-829; II, 488-495).

O trecho em destaque é de caráter invocativo e laudatório. Trata-se de um longo *logos* descrevendo uma divindade, utilizando padrões que se repetem: um substantivo nominativo, ligado a um sintagma genitivo e um adjetivo nominativo. Após essa sequência, encontramos palavras mágicas que parecem pontuar o texto. Uma dessas sequências, inclusive, é apenas de consoantes: μμμ. Por se tratar de uma consoante nasal, podemos imaginar que ainda se trata de um som pronunciável; no entanto, sequências compostas apenas por consoantes são bastante raras. As palavras mágicas nesse trecho, ao contrário de exemplos anteriores, parecem não ter muita conexão sintática com os outros elementos. Apesar de não ser possível excluir algum tipo de significado simbólico ou referência desses sons a divindades (afinal, uma dessas sequências é composta de vogais em ordem alfabética que, como vimos, pode possuir significado simbólico), também é difícil argumentar que esses sons são definitivamente nomes divinos. Portanto, podemos entender esse uso das palavras mágicas como um intermediário entre o independente e os outros citados até então, de característica nominal. As palavras são utilizadas em conjunto com linguagem “normal”, adicionando elementos mágicos ao *logos*, quase como adornos ao texto. Esse uso pode fortalecer a invocação e o pedido, além de angariar maior credibilidade ao praticante. Portanto, essas palavras também possuem poder em si e contribuem para a execução da ação mágica nos encantamentos.

## Conclusão

Observamos que as *vores magicæ* são um fenômeno muito produtivo dentro dos papiros mágicos. Além de numerosas, aparecem em contextos diversos e são utilizadas em conjunto com a linguagem mundana e outras línguas não gregas. Ao adotarmos uma postura de análise sintática e contextual em oposição a uma postura etimológica, foi possível destacar algumas tendências de uso das palavras mágicas.

Os usos em contexto de invocação, fórmula de exorcismo, identificação divina e descrições indicam fortemente um caráter nominal das palavras mágicas. As *vores magicæ*

aqui são nomes divinos especiais, que estreitam a relação entre o mago e as entidades. Podemos entendê-las como elementos persuasivos do feitiço, que atraem a atenção da divindade, possibilitando a execução do feitiço.

Por outro lado, o uso das palavras mágicas de forma independente no *logos* indica que as *voces magicæ* extrapolam a simples categoria de nomes. Elas podem ser responsáveis pela execução de um encantamento completo. A ideia de que ao pronunciar uma sequência de sons, o feitiço será executado e alcançados seus objetivos aproxima as *voces magicæ* dos atos de fala. Ao declamar o *logos*, o mago está realizando o feitiço e, dessa forma, realizando uma ação que possui efeito no mundo real (mesmo que tal efeito exista seja apenas para os envolvidos).

O uso semi-formular se aproxima do uso independente. As *voces magicæ* podem ser utilizadas ao lado da linguagem normal sem necessariamente fazerem referência a divindades. Dessa forma, elas podem funcionar como adornos do texto que reforçam e destacam trechos específicos do *logos*, tornando sua linguagem mais intrincada e, possivelmente, mais eficaz.

Podemos concluir, portanto, que as *voces magicæ* são um elemento muito interessante dos textos mágicos. Parafraseando Versnel (2012), em seu artigo *The poetics of the magical charm*, as *voces magicæ* são palavras que podem não *fazer* sentido (ou seja, não possuem significado lexical), mas certamente *têm* sentido: elas possuem funções e objetivos específicos. A ausência de sentido inicial se torna mais clara na medida em que observamos seu contexto com cuidado e, uma vez que compreendemos melhor suas funções, podemos compreender melhor também seu significado.

## Referências

### Fontes textuais

BETZ, H. D. (Ed.). *The Greek Magical Papyri in translation: including the demotic spells*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.

PREISENDANZ, K. (Ed.). *Papyri Graecae Magicae: Die Griechischen Zauberpapyri*. Munique: K. G. Saur, 2001.

### Obras de apoio

AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. Oxford: Clarendon Press, 1962.

BARBER, F. *A linguistic study of the Greek Magical Papyri*. London: University of London, 1954.

- BRASHEAR, W. M. The Greek Magical Papyri: an introduction and survey; annotated bibliography (1928-1994). *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*, v. II. n. 18.5, p. 3380-3684, 1995.
- CARDOSO, P. S. F. *Voces Magicae: o poder das palavras mágicas nos papiros gregos mágicos*. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- DIBLASI NETO, I. “Quando meus lábios sacerdotais disserem palavras secretas”: Abraxas, magia e política nos papiros mágicos gregos. *Romanitas*, n. 5, p. 131-146, 2015.
- DIELEMAN, J. *Priests, tongues, and rites: the London-Leiden magical manuscripts and translation in Egyptian ritual (100 - 300 CE)*. Leiden e Boston: Brill, 2005.
- FARAONE, C. *Vanishing acts on Ancient Greek amulets: from oral performance to visual design*. London: Institute of Classical Studies, 2012.
- GAGER, J. G. *Curse tablets and binding spells from the Ancient World*. Oxford: Oxford University Press, 1992.
- GRAF, F. *Magic in the Ancient World*. Cambridge: Harvard University Press, 1997.
- \_\_\_\_\_. Prayer in magical and religious ritual. In: FARAONE, C.; OBBINK, D. (Ed.). *Magika hiera: ancient and religion*. New York: Oxford University Press, 1991, p. 188-213.
- KROPP, A. How does magical language work?: the spells and formulae of the latin *defixionum tabellae*. In: GORDON, R. L.; SIMON, F. M. (Ed.). *Magical practice in the Latin West*. Leiden e Boston: Brill, 2010, p. 357-380.
- PINCH, G. *Magic in Ancient Egypt*. London: British Museum Press, 1994.
- RITNER, R. Egyptian magical practice under the Roman Empire: the demotic spells and their religious context. *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*, v. II, 18.5, p. 3333-3379, 1995.
- SATZINGER, H. Old coptic. In: ATIYA, A. S. (Ed.). *The Coptic encyclopedia*. New York: Macmillan, 1991, p. 169-175.
- SKINNER, S. *Techniques of Graeco-Egyptian magic*. Singapura: Golden Hoard Press, 2014.
- SMITH, M. Relations between magical papyri and magical gems. In: BINGEN, G.; NACHTERGAEL, J. (Éd.). *Actes du XVe Congrès International de Papyrologie*. Bruxelas: Fondation Égyptologique Reine Élisabeth, 1979, p. 129-135.
- VERSNEL, H. S. The poetics of the magical charm: an essay on the power of words. In: MIRECKI, P.; MEYER, M. (Ed.). *Magic and ritual in the Ancient World*. Leiden: Brill, 2012, p. 105-158.